

Como Alfredo Pimenta viu o pensamento político e a oratória de Salazar

*À minha Maria Aurélia,
a primeira ou segunda filiada
da Acção Escolar Vanguarda.*

O ESTIO vai morrendo, mas alguns dias lhe darão réplica na quadra seguinte, enquanto os tons cinzentos pintalgados de oiro sujo os não substituem oportunamente, fazendo-me pensar com mais intensidade do que é de supor, alheio à vida agitada, bem irmanado com a natureza de mortalha colorida que as folhas das árvores estendem pelos carreiros de cabras e estradas reais. Sim, nessa altura do Outono hei-de embrulhar-me num ambiente que me facilite contrariar as aparências e imergir na meditação profícua dos homens e dos factos passados e de agora.

HOMENS... ¿Onde estão eles metidos? ¿Quais e quantos escutaram Paulo VI em Fátima, quando pregou *Urbi et Orbi* «Homens, sede HOMENS»? ¿Quem na vida quotidiana tem praticado a apóstrofe papal, quem?

HOMENS... Há tantos que pertencem ao género humano só por terem nascido de ventre de mulher! O seu número vejo-o aumentar no curso dos meus dias, tal e qual a sombra dos montes, na duração da tarde; eles nasceram sem cá fazerem falta nenhuma, nenhuma!; são homúnculos de que fujo, tolerando-os, embora. Que remédio!... Pois bem: sugestionado pelas outonais celebrações litúrgicas de Todos-os-Santos e dos Fiéis Defuntos, quero publicar o meu anseio de que, juntando-se a mim, comigo tido o HOMEM PORTUGUÊS de raiz se acolha à sombra de ALFREDO PIMENTA e de SALAZAR, DOIS HOMENS PORTUGUESES que Deus lá tem e me provocam contínuas vibrações dolentes.

PORTUGAL, o DOM PORTUGAL de Afrânio Peixoto, foi, já não é; jaz amortalhado na urna funerária, o quadrilátero do espaço continental; a sua alma paira, por aqui e por ali, em

clima outonal ou de cemitério, desde quando Salazar, o Condestável Moderno, se recolheu, para morrer política e biologicamente, a uma Casa de Saúde por onde passavam, diariamente, procissões devotas de nacionais e de estrangeiros e de todas as classes sociais, profissionais, etárias, procurando saber notícias do egrégio doente, o que muito me comovia e consolava: ninguém esperava já benesses de Salazar moribundo... e toda a gente, em atitude de muito louvor, revelava sentimento de gratidão ao Português excepcional que não viveu para se governar a si e aos seus, mas, apenas, para com as suas palavras e acções nos ensinar a sermos cada vez mais Portugueses.

Louvido seja Deus, por isso! Por nos ter dado tal Mestre da Portugalidade!

A ATMOSFERA expectante e simpática não a respiravam, durante a doença, só os adultos — também as crianças e os moços, cuja mentalidade já compreendia a craveira dos Homens; e, se elas e eles eram filhos de quem, na meninice e mocidade, sofreu os malefícios das greves (Malditas sejam elas!), os perigos e temores das revoluções — greves e revoluções extirpadas por Salazar —, os vexames nas escolas hostis ao nome de Deus, mais a zombaria dos livres-pensadores, em dias de obrigação de Missa ou em tardes de procissão, (Se se lembrassem desses tempos certos padres que não merecem maiúscula e andam para aí...), se tal acontecia, então mais espontâneo e mais esclarecido e mais fundamentado ressaltava o respeito carinhoso para com o BENEMÉRITO DA PÁTRIA que tudo sanou, intercedendo junto do Altíssimo, com preces e promessas piedosas e corações limpos, dos quais, em uníssono, voava acima das nuvens este clamor: «Meu Deus, guardai-nos Salazar! Portugal precisa de Salazar!»

Sempre foi assim; se assim não fora, um General francês, antigo herói da Indochina, não teria expressado o desejo de ter nascido Português, nem uma muito conhecida e admirada actriz nacional recordaria, há pouco, o seu regozijo de ouvir, lá fora, invejarem-lhe o nosso Salazar (1). Sempre foi assim; Salazar sempre logrou, no seio das famílias em que presidia o nome de Deus e o nome de Portugal, fazer-se amar por aqueles que iam subindo para a vida. Com íntimo prazer registo um exemplo desta asserção.

(1) Não identifico o militar, porque não me aparece o recorte que se lhe refere, mas digo o nome da actriz — Josefina Silva, entrevistada por «O Diabo» de 20 de Julho. E acrescenta que há, no Portugal de agora, desejos de ser Polaco, como o militar nascido na França o tinha de ser Português.

Agitavam-se, anos atrás, perigosas ideias políticas, de forma a esperarmos, com angústia, dias aziagos; pois certa menina, ouvidos dia a dia os apreensivos comentários da Mãe, ¿de que havia de lembrar-se? ¿Alguém será capaz de adivinhar? Responderão a esta ignorância as palavras do próprio Salazar endereçadas à criança de tão notável discrição:

«MUITO E MUITO OBRIGADO POR TER OFERECIDO A SUA PRIMEIRA COMUNHÃO POR MINHA INTENÇÃO. MANDO UMA FOTOGRAFIA E AGRADEÇO A SUA. QUE DEUS A FAÇA FELIZ E DÊ MUITA SAÚDE A TODOS OS SEUS. UM BEIJO.»

Calculemos os efeitos de carácter psicológico e nacionalista dessas duas relíquias — a cartinha e o retrato autografado de Salazar — através das gerações de pais, filhos e netos de igual sangue... sangue fervente e moço, muitos anos atrás, nas veias de uma rapariga que no palco do Teatro de S. Carlos envergava uma farda orgulhosa da cor da Esperança, para fazer guarda de honra ao Chefe, em célebre e delirante noite de apoteose promovida pela ACÇÃO ESCOLAR VANGUARDA! Onde essa noite já vai, Santo Deus!

Se eu, lembrando o facto a que fui alheio, me enteneço agora, ¿que será com a tal rapariga de cujas mãos as dezenas de anos volvidos ainda não tiraram um exemplar velhinho do AVANTE!, o órgão vanguardista dos novos, dispostos a combater o Comunismo, o Demo-Liberalismo e a Maçonaria, nem um exemplar optimamente impresso do HINO DA VANGUARDA, com letra de Parente de Figueiredo e música do inspirado maestro Ruy Coelho, ainda felizmente vivo? É assim que ele começa:

«A nossa voz que seja audaz clarim vibrante
Tocando a reunir a Mocidade forte!
Saibamos dar mais vida à Pátria triunfante,
Desafiando até, se for preciso, a Morte!...»

Menor dita bafejou aquele meu número do DIÁRIO DE LUANDA em que sentidamente li a evocação, de um desses VANGUARDISTAS participantes da inesquecível festa do S. Carlos, feita com os olhos rasos de água por saber tão doente Aquele que, outrora, aclamara, com muitos outros, em perfeito delírio de adesão política. Que pena me dá o eu não poder aqui deixar o nome desse rapaz, por via de me não aparecer o jornal!

Sim, o Presidente Salazar, além de Mestre e Modelo de todo o sempre, também se chama Saudade Portuguesa.

Outra vez louvado seja Deus por isso!

VISTO que igualmente merece ser chamado de Mestre, Modelo e Saudade outro que Deus levou em mui longínquo Outono, Alfredo Pimenta, de alto espírito, de singular cultura, de inigualável intransigência, igual recordatório me proponho lavar por imperativo de sentimentos justos e afectuosos, mas só depois de marcar com ênfase o que atrás fica, servindo-me de palavras saídas em 1968 no «Diário de Notícias» da pena de Alfredo Manuel Pimenta, filho do escritor.

Deste jeito escreveu o articulista:

(...) Qualquer juízo objectivo impõe o reconhecimento das altas qualidades pessoais do dr. António de Oliveira Salazar e dos largos benefícios que o país colheu da sua gestão política. (...) A sua erudição, a autenticidade dos seus prognósticos e diagnósticos, o inconfundível estilo da sua prosa, a inteireza do seu carácter e a independência de que sempre deu testemunho nas suas opções são qualidades apodícticas.

No plano intelectual, da isenção, da probidade, da competência, a posteridade acolherá Salazar como um português que foi alguém de enorme dimensão. (...) Mas o seu mérito está em que, ao ir-se embora, abre mão de Portugal com paz interna, com prestígio internacional e com as possibilidades financeiras atributivas de capacidade e de uma margem de manobra excepcionais para se enfrentarem os problemas hodiernos.

Na medida em que soube adjudicar ao País essa aptidão, Salazar projectou a sua obra no dia de amanhã. (...) Salazar criou, manteve e legou, a autoconfiança da Nação, e o respeito dos estrangeiros por Portugal. (...) Salazar passa à História como um grande português de acção política motivada exclusivamente no interesse nacional. Sejamos sérios, e reconheçamo-lo.»

Com estes termos de aconchego para as cinzas de Alfredo Pimenta, dá vontade de dizer que o filho não degenerou... Juntemo-nos, então, ao seu Pai...

...apenas em espírito, aí, de nós!

SE vivo fora mai-lo Presidente Salazar ¿estariamos nesta maldita situação abrilina, sem rei nem roque, nesta vergonhosa

atitude de mão estendida em que se não enxergam calos do trabalho, apesar de todos se julgarem e confessarem «trabalhadores»? (*Trabalhar, para tal gente, é organizar greves, é apoderar-se do alheio, é reivindicar, é exigir!* — Que vocabulário este sem tom nem som, meu Deus!) Sofro muito por terem despedaçado o Portugal em que nasci e me criei e conheci Alfredo Pimenta e Salazar; com luto carregado, de alma e corpo, espero a minha hora, em constante melancolia do cair das folhas... ; Que infelizes nos tornaram, ó meu Portugal desgraçado!

E prossigo na minha outonal melancolia a evocar Alfredo Pimenta, como tipo autêntico do mais inteligente apologista de Salazar, apologista a quem César Augusto traçou louvor público em A NAÇÃO de 25 de Setembro de 1948, de onde copio estas palavras: (...) «*Posso garantir-lhe, querido Mestre, que não existe hoje em Portugal homem mais admirado e mais odiado do que V. Ex.^a. O seu nome é um pendão de guerra, e à sua simples evocação estoiram os impropérios dos seus figadais inimigos, esganiça-se o riso amarelo dos codilhados, e grunhem os porcos acomodaticios de Epicuro. Sei que isto lhe agrada, porque se o odeiam é porque o temem. E não ignoro que à multidão crescente dos seus discípulos e admiradores agrada mais a lógica fulgurante de seus artigos e a contundência dos golpes certos à esquerda e à direita, do que a evidência e a lúcida claridade das suas ideias monárquicas.*»

César Augusto passa ao julgamento de certos integralistas censuráveis e adianta: «*De tempos a tempos esguicham contra Salazar, por umas razões, e contra V. Ex.^a por outras*».

Por seu turno, o escritor e diplomata Manuel Anselmo mandara de Vigo, para o mesmo semanário de José O'Neill dar ao público em 10 de Maio do ano anterior, o longo e bellissimo artigo — MESTRE ALFREDO PIMENTA — em que o vigor da crítica e defesa, tão próprio do admirado doutrinador, aparece rotulado de falta de caridade, de *látigo soberbo e cruel*... apreciação atrevida, no meu entender; aqui prefiro e perfilho o que, a propósito, de César Augusto transcrevi há pouco.

Como disse, é bellissimo o artigo de Manuel Anselmo e, naquele tempo, forte brado deve ter movido em toda a parte, porquanto se despede dos leitores a exaltar a lição supra-nacional do seu Mestre e Amigo, feita de sangue e vida, em cátedra permanente à qual nunca deu férias e em que transitou para a Eternidade o respectivo titular; é deste quilate a chave do artigo:

«ANTE VALORES COMO ELE, SÓ SE IMPÕE UMA

ATITUDE DIGNA: TIRAR-SE O CHAPÉU E DIZER-SE MUITO OBRIGADO. QUE ME PERDOEM OS SEUS INIMIGOS PESSOAIS».

Há muito que me satisfaz deveras ouvir de Padre preto, em Luanda e antes do terrorismo, a comparação conscientemente justificada da prosa de Salazar com a do Padre António Vieira; e, se neste, duas faces há a considerar, a do Político servidor da Mãe-Pátria e a do espantoso Orador, com aprazimento observaremos que Alfredo Pimenta fitou Salazar nessa dualidade de características. ¿Como não havia de ser de tal modo? Salazar governante, planificador e executor de uma ideia nacional com implicações mais para além de nós em tempo e espaço, iguala-se a Nun'Álvares que levou o Épico a escrever (Canto VIII,32):

.....
 «Ditosa pátria que tal filho teve!
 Mas antes, pai»

.....
 Iguala-se a Nun'Álvares, apenas como Salvador da Pátria — o que foi muito — não se lhe iguala no resto, pois não lhe deu o Rei! Creio assim interpretar com exactidão o pensamento do soneto (Outro significado não me parece ter...) da página n.º 69 de **ULTIMOS ECHOS DE UM VIOLINO PARTIDO**, que Mestre Alfredo Pimenta gizou em linguagem de alegoria perfeita e eu reproduzo na sua pessoal ortografia; ei-lo nas maiúsculas a substituirem moldura de talha doirada que não posso dar-lhe:

«ENTREGARAM-LHE A NAO DESMANTELADA.
 E Á CUSTA DE TRABALHOS COLLOSSAIS,
 ELLE TEM-NA JÁ QUASI RESTAURADA,
 E CAPAZ DE AFFRONTAR OS TEMPORAIS.

O QUE LHE FALTA É POUCO, É QUASI NADA...
 MAS É A MELHOR DAS PEÇAS CAPITAIS,
 PRA QUE A NAO POSSA ARCAR, ASSEGURADA,
 COM OS MAIS TEMEROSOS VENDAVAIS.

MESTRE DE FAZER NAOS, TOMA CAUTELLA!
 E SE, COMO ACREDITO, QUERES VE-LA
 AS ONDAS DO MAR ALTO DOMINAR,

NÃO ENTREGUES SEO LEME A ARRAIS A PRAZO,
NEM CONFIES A NAO A ARRAIS DE ACAZO,
QUE ARRAIS DE ACAZO, OS NÃO TOLERA O MAR!»
(1941)

ESTE lindo soneto de pedagogia não lograda, para infelicidade de Portugal desditoso, fê-lo o Autor tendo em consideração meramente o governante-político de uma pátria a restaurar; todavia a essas qualidades de bom gestor nacional aliavam-se outras, em nível igual, que Salazar haviam de erguer ao grémio eminente dos pensadores e literatos políticos; e isto mesmo não deixou de registar com aplauso o crítico dos ESTUDOS FILOSÓFICOS E CRÍTICOS e NOVOS ESTUDOS FILOSÓFICOS E CRÍTICOS. Sim, Alfredo Pimenta admirava como ele sabia admirar o génio político nascido humildemente em Santa Comba Dão, e com o mesmo interesse punha os olhos nos textos de Salazar, peças magistras de conteúdo e forma. É o que vamos ver.

Na revista lisboeta A ESFERA de 20 de Janeiro de 1944, dada a circunstância da publicação recente de cartas do muito conhecido e admirado orador sacro e profano António Cândido, saiu o costumado artigo de Alfredo Pimenta, tratando, desta feita, o mencionado vulto nacional no púlpito, na tribuna e na cátedra (Na vida social conhecida pelos íntimos, um sentimental, um tímido, humilde, escrupuloso!) UM DEUS ENTRE DEUSES, como diz o nosso Mestre que, arguto, sempre arguto, traça um marco divisório: «*Há oradores-escritores; e há escritores-oradores; como há oradores que não são mais nada. Os primeiros não nos encantam, prendem ou arrebata, dominam ou convencem, pela impetuosidade da frase, a audácia da imagem, a teatralidade do gesto ou o poder sugestivo da voz ou da luz dirigida do olhar; nesses são a estrutura do estilo, o ritmo da oração, a combinação das palavras, a sua cor e o seu timbre quem conduz a nossa reflexão; esses não actuam sobre os nossos nervos; despertam apenas a nossa inteligência. É, hoje, tipo desses oradores, no mundo académico, o sr. Júlio Dantas, e, no mundo político, o sr. Presidente do Conselho. A gente não os ouve, mesmo que esteja a ouvi-los, porque, mesmo quando os ouve, está a lê-los. Dizem o que escrevem.*»

Alguns meses após esta referência accidental, mas a propósito, Alfredo Pimenta faz considerações explícitas em o número de A ESFERA saído a 20 de Abril (Havia sido publicado o terceiro volume dos DISCURSOS do Chefe do Governo) e com elas pre-

tendia esquecer-se da guerra diabólica de então e (passo a transcrever) IGNORAR, POR MOMENTOS, CHAPADAS DE LAMA QUE TRINTA E SEIS SUJEITOS, MAIS DIGNOS DE DÓ DO QUE DE REVOLTA, DESPEJARAM SOBRE A MINHA SOMBRA, NA CRENÇA FALAZ DE QUE ATINGIAM O MEU NOME, QUE MERCÊ DA GRAÇA DE DEUS E DOUTRAS COISAS QUE OS MESMOS SUJEITOS DESCONHECEM, ESTÁ ACIMA DE TODOS ELES... que não só pôr em evidência Oliveira Salazar, como Mestre do pensamento político português. Leiamos alguns passos:

«Muitas vezes, ao ouvir ler os Discursos do Chefe do Governo, acodem ao meu espírito as páginas célebres do livro de Cícero e as não menos famosas de Tácito. E do que um e outro dizem ou põem na boca das suas personagens, eu extraio a substância eterna: não é a Retórica ou Oratória que faz o Orador; é este que faz aquela. O Orador Oliveira Salazar escapa ao enquadramento que quem quer que seja deseje impor-lhe. Não é orador forense, nem orador parlamentar, nem orador académico, é um orador político. Como orador político, não é orador de assembleias, ou de tribunas comiciais. E não visa, em seus discursos, aquele objectivo que, segundo Cícero, é o da Eloquência: acalmar ou comover os ouvintes excitados ou frios — «aut sedandis aut excitandis».

(...) Não faz lembrar ninguém, porque é um orador pessoal, que expõe o seu pensamento, mediante expressões que são «suas.» Depois, citada uma frase de Tácito, abonatória do geometrismo totalitário a caracterizar a expressão do pensamento do Orador em causa, Alfredo Pimenta assevera existir nos DISCURSOS «um pensamento político, uma doutrina política — pensamento, filosofia e doutrina que colocam o Chefe do Governo na primeira fila dos grandes Mestres do pensamento político português.»

Sendo assim, Alfredo Pimenta deseja o aparecimento de alguém com vagar e competência, é claro, que organize uma espécie de SUMA POLÍTICA extraída dos DISCURSOS, porque já prevê que os seus conceitos, sentenças, pensamentos *«serão um dia (...) citados, lembrados, invocados como característicos desta época e tomados como ponto de partida para elocubrações do espírito.»* E, carregando, acentuando tal desejo, escreve ainda mais: *«O que nós não sabemos ou não queremos fazer hoje — o Enchiridion do pensamento salazariano, outros o farão um dia (...) Ele ficará, no geometrismo totalitário da sua expressão, na pureza translúcida da sua essência, e na fulguração estelante da sua força, como,*

na França, o pensamento dum Pascal ou dum Maurras, na Alemanha, o pensamento dum Schopenhauer ou dum Nietzsche.»

(Neste preciso momento sinto-me obrigado a citar como resultante do voto apologético referido — que alguém organizasse um compêndio manuseável, portátil do pensamento salazariano — sou obrigado a citar o **DICTIONNAIRE POLITIQUE DE SALAZAR**, organizado pelo incansável Ploncard d'Assac e que o S. N. I. deu à luz em 1964; ao menos, não havendo nisto relação de causa e de efeito, nota-se sem dúvida nenhuma, flagrante coincidência nos dois arautos da doutrina salazarista — o nosso indefectível Alfredo Pimenta e o combatente aguerrido que da França veio acoitar-se em Portugal...)

Mais ainda: noutra ocasião que não vinha longe, ocasião de quase simultaneidade de um discurso de Churchill e de outro do nosso Presidente, ambos de tema europeu, o Crítico Ilustríssimo deixou lavrado, em local que de momento me não é fácil identificar, isto que se segue: (...) «**NINGUÉM APAGARÁ DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO CERTAS PÁGINAS DE NOBREZA INTELECTUAL, DE VERTICALIDADE MORAL, DE ELEGÂNCIA POLÍTICA, DE SEVERIDADE CRÍTICA, E ARGÚCIA PROFUNDA**» por Salazar oferecidas à Nação e ao Mundo que no Presidente do nosso Conselho de Ministros reconheceria a **TRANSCENDÊNCIA E A SUBSTÂNCIA** (palavras de Pimenta) muito alongadas da **SUPERFICIALIDADE E VA-CUIDADE** do político inglês.

...E TENHO de ficar por aqui; tenho de me violentar para não ir além, aliciado como reconheço sentir-se o meu espírito pela grandeza colossal dos assombrosos vultos que estive rememorando, envolto em crepes; a reflexão fez-me bem, tanto quanto me isolou desta cova funda e negra, para sempre negra e triste, em que me lançaram com a Pátria profeticamente visionada, por Junqueiro, nos trenos de carne viva em **FINIS PATRIAE** e **PÁTRIA**:

«**POR TERRA, A TUNICA EM PEDAÇOS,
AGONIZANDO A PÁTRIA ESTÁ.**

.....

**COM SETE LANÇAS OS TRAIADORES
A TRESPASSARAM, VEDE LÁ!...**

.....

..... **É MORTA JÁ!...**»

«LINDO JARDIM! LINDO POMAR!
AS AÇUCENAS DERAM-ME GANGRENAS
E OS JASMINS PODRIDÕES A FERMENTAR!...
OS CRAVOS DERAM CRAVOS... MAS DE CRUZES!
E AS ROSEIRAS, ESPINHOS DE TOUCAR...

.....
(...) EM VEZ DE UVAS NAS VIDEIRAS
HÁ ROSÁRIOS DE DOR PARA EU REZAR...»

Tenho de ficar por aqui, tenho... Mas deixem-me, ainda, gritar, a plenos pulmões, aquele grito do Divino Garrett em atitude de Juízo Final (Fim do cap. XLI de VIAGENS NA MINHA TERRA):

«MALDITAS SEJAM AS MÃOS (...) QUE TE DESONRARAM, PORTUGAL... QUE TE ENVILECERAM E DEGRADARAM, NAÇÃO QUE TUDO PERDESTES, ATÉ OS PADRÕES DA TUA HISTÓRIA...

EHEU, EHEU, PORTUGAL!»

A. Saraiva de Carvalho